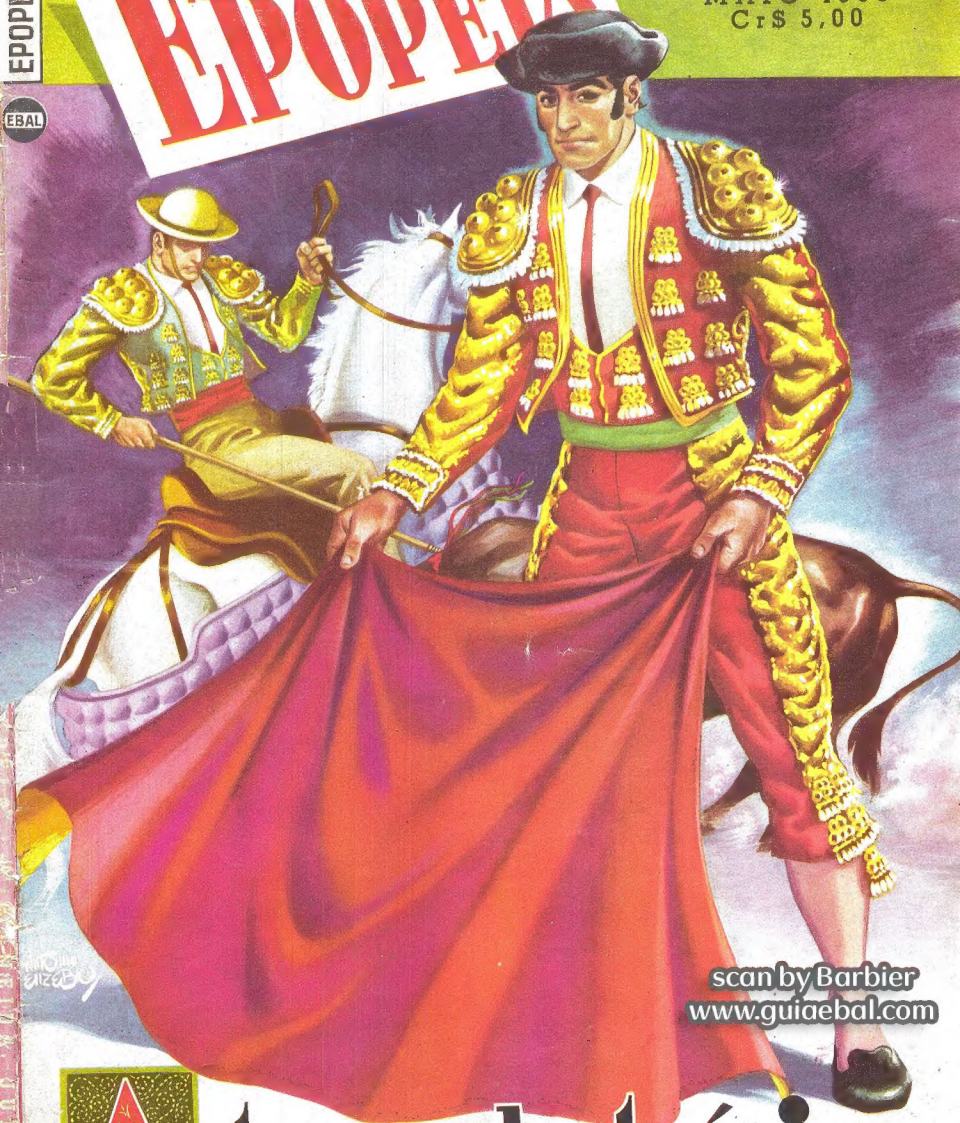
EPOPÉIA
Nº 10
MAIO 1953
Cr$ 5,00
EPOPÉIA-10
EBAL
scan by Barbier
www.guiaebal.com
A tourada trágica

Conversa do Diretor

DE Santo André, SP., escreve-nos o sr. *E. T. Martins:*

"Sou um velho leitor de suas publicações, desde os antigos tempos do "Suplemento Policial" e do "Contos-Magazine". Tenho lhe escrito diversas vêzes, ora criticando, ora elogiando, ora sugerindo. Ùltimamente, tenho andado encantado com EPOPÉIA. É uma revista diferente e fascinante. Espero que seja sempre assim, ou, então, que seja cada vez melhor. Porque, defeitos, ainda os tem, conquanto não sejam culpa da revista, mas, sim, dos desenhistas. Exemplo: o 1.º quadrinho da página 3, do N.º 7: pingüins na Groenlândia! Se não me engano, o que está desenhado no referido quadrinho são uns palmípedes das regiões antárticas; e, pelo que aprendi, pingüins só vivem nestas regiões. Estou certo ou errado?".

Resposta: Certo. Certíssimo. Um lamentável engano do desenhista italiano, o grande Polese, que ilustrou a história; e, mais lamentável, o *cochilo* dos coordenadores, dos revisores, e até dos nossos redatores. Além da do leitor acima, recebemos mais de trinta outras cartas sôbre o assunto, tôdas relacionadas com o Concurso Inexistente.

E POR falar em Concurso Inexistente, recebemos uma correspondência enormíssima a propósito de "O Hussardo da Morte". Aquêles erros, por todos citados, já tinham sido por nós vistos, antes da impressão da revista; mas a confiança depositada no emendador não foi correspondida por êste, do que resultaram aquelas falhas. Todos os que nos escreveram sôbre o assunto, receberão as revistas antigas como "prêmio de observação".

DE Araraquara, SP., escreve-nos *Sidney Schiavon,* depois de uma série de elogios pela publicação de EPOPÉIA:

"Pessoalmente, apreciei essa revista por tudo que ela poderia me apresentar, quer sob o aspecto artístico ou literário, quer pela maneira hábil de conduzir a história, num sempre contínuo enrêdo substancial, sem diálogos maçantes ou episódios menos interessantes que poderiam redundar em monotonia. Nem mesmo uma certa solução de continuidade na história sôbre Leonardo Da Vinci foram de molde a desagradar, antes mesmo foi saboreada pelo pitoresco, pela fantasia e pelos aspectos desconhecidos da biografia do grande Mestre. Poderá V. Sa. estar certo quanto ao êxito alcançado por EPOPÉIA aqui, em Araraquara. Naturalmente que os leitores de MINDINHO, de SUPERMAN ou de outra qualquer publicação dêsse gênero torcerão o nariz face às histórias de EPOPÉIA, mas o certo é que elas são do gôsto dos que desejam adquirir maiores conhecimentos sôbre histórias reais ou de ficção, das muitas existentes no mundo e só agora dadas à lume por mais uma vitoriosa publicação dirigida por aquêles que, em minha infância, me deram o SUPLEMENTO JUVENIL — e com quantas saudades eu me lembro dêle!"

José Osvaldo Delicio, de São Paulo, SP., manda nos dizer que encontrou, finalmente, numa revista feita para recrear, como o é EPOPÉIA, um fator de educação e de instrução, principalmente para os alunos do curso ginasial. "Os padres combatem as outras revistas, mas EPOPÉIA está sendo recomendada por todos" — diz-nos êle.

Resposta: Há uma explicação muito natural para esta recomendação do clero católico. É que as histórias de EPOPÉIA, em sua fonte de origem, a Itália, são publicadas por "Il Vittorioso", revista juvenil do Vaticano e sob os auspícios dêste.

Carlos Augusto Dias, de São Paulo, SP., pede-nos a publicação da biografia de Colombo e da de Vasco da Gama.

Resposta: Aparecerão ainda neste ano.

ESCREVE-NOS *José Alves da Silva,* de Presidente Prudente, SP.

"Geralmente, quase tôdas as revistas de outras Editôras, quando anunciam o aparecimento de uma nova revista, fazem grande propaganda, oferecendo doces para o festim, mas, quando a tal da revista aparece, vai-se ver, é amarga que nem jiló... A sua Editôra Brasil-América anunciou a publicação de EPOPÉIA, e eu recebi essa propaganda com alguma indiferença, certo de que era igual à de muitas outras editôras. E, com isso, me atrasei na compra do primeiro número. Quando cheguei ao meu jornaleiro, já não havia mais... Procurei um colega e com êle consegui emprestado um exemplar. E gostei. Gostei muito. Mas pensei: "É sòmente o primeiro número". A verdade, no entanto, é que comprei também o segundo. E nunca mais deixei de comprar os outros. Francamente, sr. Diretor, o pessoal dessa Editôra é que é o tal!"

Roteiro para o Leitor

A Tourada Trágica ★

Povo misterioso e incompreensível, os ciganos. De origem quase desconhecida, êles se espalham pelo mundo inteiro, em um nomadismo constante e despreocupado, de país a país, de continente a continente. As mulheres, dizendo a "buena dicha" em troca de algumas moedas; os homens, entregues à confecção de pequenos objetos de cobre ou de latão, quando não se dedicam — ciganos e ciganas — a roubar crianças, a roubar cavalos, a roubar qualquer coisa que lhes caia ao alcance... É, pelo menos, o que se diz, e o que divulgam os novelistas imaginosos.

Pois bem. Em "A Tourada Trágica", os leitores de EPOPÉIA travarão contacto com as tribos dos "malahombras" e dos "gredos", dois grupos de ciganos em terras de Espanha.

O que mais empolga e enternece nesta narrativa, no entanto, é a seqüência de episódios relacionados com dois ciganos, irmãos gêmeos: arrancados tràgicamente do convívio um do outro, em tenra idade, foram durante anos procurados pela velha mãe, a qual jamais perdera a esperança de abraçar de novo os filhos queridos.

Depois, a tourada cujo desenrolar mostra a razão de ser do título desta história de intrigas e de ação, onde o pitoresco se alterna com o dramático. Uma sucessão de fatos que o Destino provocou e reuniu. E finalmente — quando superadas a traição e a inveja — a alegria de corações amigos que se reencontram! Magnífica apoteose à coragem dos "espadas"! Uma exaltação ao amor fraterno! Consagração tocante de amor de Mãe!

Na arena, por entre "banderillas" multicores, o sangue gotejando sôbre a areia...

Em Nome de São Jorge! ★

No século XVI, quando Gênova lutava pela independência, tentando expulsar os derradeiros soldados franceses ainda em seu território, um grupo de denodados cidadãos se decide a tomar a até então inexpugnada Fortaleza Briglia. À frente de todos aquêles genoveses corajosos, o másculo Emanuele Cavallo, a quem o Doge Giano Fregoso, o Sereníssimo, confia a própria sorte da República. Espadas desembainhadas, punhos crispados, os genoveses entram em ação, confiantes no seu valor pessoal e na combatividade dos companheiros. "Em nome de São Jorge"! — é o seu grito de guerra.

E, nobres e plebeus unindo-se na luta contra o inimigo da Pátria, sagram-se heróis de uma epopéia de glória, em nome de Gênova, em nome de São Jorge — seu patrono — em nome da independência!

Heróis da Legião Estrangeira ★

Os heróis desta história são o Capitão Dupré e o Tenente Dumesnil, da Legião Estrangeira. Homens de brio, soldados de fibra, não lhes importa que a morte esteja à espreita constantemente, no gume de um alfanje, na ponta de uma lança ou nas balas de um fuzil maometano: o Capitão Dupré e o Tenente Dumesnil receberam a missão de descobrir quem são os contrabandistas de armas e munições vendidas às tribos de beduínos rebeldes. E tudo farão para que as ordens sejam cumpridas! Êstes dois oficiais simbolizam a própria Legião Estrangeira, honrando a farda que vestem e confirmando as tradições gloriosas que a bandeira tricolor da França lhes faz ter sempre presentes no coração. A história decorre nas regiões hostis do Norte da África, onde o sol, inclemente, dardeja os seus raios causticantes sôbre as areias do deserto; onde o simum passa por sôbre as dunas, cresta as tamareiras nos oásis e castiga as caravanas sem fim... Os horrores da canícula, o suplício da sêde, as hordas de beduínos fanáticos — nada disso atemoriza os bravos da Legião Estrangeira. Êles hão de cumprir a missão!

EPOPÉIA (Revista Mensal). ★ Propriedade da Editôra Brasil-América Limitada, Especializada em Publicações para Rapazes, Moças e Crianças. ★ Direção de Adolfo Aizen. ★ Escritórios, Redação e Oficinas em Edifício Próprio: Rua General Almério de Moura, 302 (Antiga Rua Abílio), São Januário. ★ Telefone 48-6391. ★ Rio de Janeiro (D. F.), Brasil

★

DESENHOS DE FERRARI

★

As rivalidades entre duas tribos de ciganos, na Espanha, dera origem a ocorrências sangrentas. Depois, volvidos os anos, outros acontecimentos dramáticos estavam para se verificar, ameaçando envolver de novo três dos principais personagens daquela tragédia do passado: dois guapos ciganos, dois irmãos que o Destino separara, e sua velha mãe que, incansàvelmente, estava à procura de ambos. E esta história mais emocionante ainda se torna, quando da realização de uma tourada, uma tourada trágica...

A tribo fanática e rebelde dos "malahombras" comandada por Barreda, um dos mais cruéis chefes ciganos da Espanha, deixara a cidade de Valença...

...e invade agora as feiras e os mercados andaluzes, onde a tribo dos "gredos" havia armado suas tendas, para vender os produtos de seu artesanato. Os recém-chegados são recebidos com desagrado...

Um dos "malahombras" se exalta.

Inicia-se acalorada discussão que, ràpidamente, se transforma em violento duelo a navalha!

Nisso...

Cardênio, o chefe dos "gredos", tenta, em vão, protestar junto a Barreda, que, em sua altivez, se mostra indiferente a qualquer parecer conciliador...

Depois, intrometendo-se em uma festa dos "gredos", Barreda, instiga seus homens para que provoquem distúrbios...

A festa decorre animada e alegremente...

Mas...

Mas, antes que a provocação faça explodir, de novo, entre os ciganos, uma luta feroz, Cardênio, trazendo poderosos contingentes de policiais, faz prender os "malahombras", entregando-os ao alcaide...

Os "malahombras" juram vingança...

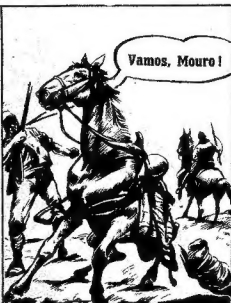
...e, ao cair da tarde, levantam acampamento, simulando uma partida em completa ordem, como se se fôssem, definitivamente...

Quando já iam longe as carroças, êles retornam para, no silêncio da noite, traiçoeiramente, assaltarem, cheios de ódio e furor, o acampamento dos "gredos".

Depois de violenta luta, onde perde a vida o pacífico chefe cigano, os assaltantes se dirigem ao carro, onde "Cuenca", a mulher daquele a que haviam tirado a vida, se protege com seus dois gêmeos, recém-nascidos...

Praticado o cruel crime, Barreda e seus cúmplices fogem, desabaladamente, carregando os dois gêmeos arrancados dos braços de "Cuenca"

Um bando dos "gredos", indo em perseguição, ataca os "malahombras"... Mas, êstes, já desmontados, reagem, abrindo fogo sôbre êles...

Na pressa da partida, o cavalo se empina, fazendo cair o volume onde se encontra, bem enfaixado, um dos meninos que, no entanto, nada sofre, pois a violência da queda é amortecida pelo macio tapête da relva que cresce à margem da estrada...

Os "malahombras" partem, mas...

...nenhum dêles se apercebeu do ocorrido, que nem mesmo foi notado por aquêles "gredos" que, desesperados, abandonam a louca e infrutífera perseguição!

De madrugada, Velez de Gomera, riquíssimo criador de touros da Andaluzia, que por ali passava, de carro...

Depois de procurar saber, inùtilmente, por tôda parte, de quem poderia ser a criança, Velez de Gomera se decide a cuidar do menino desde que sua mulher esteja de acôrdo, já que não têm filhos...

E, em sua casa...

Anos mais tarde, sob o sol ardente de Andaluzia, percorrendo pastagens da "ganaderia" de seu pai adotivo, o cigano, com a alcunha de "Frascuelo", é um jovem forte e saudável...

Procurando conter no rapaz a instintiva impetuosidade, o pai Velez consegue, com sábia educação, fazer dêle um homem altivo, leal e generoso...

No cercado onde são treinados os touros, "Frascuelo", homem feito, diverte-se lidando novilhos "Miura"...

Mas o futuro toureiro ignora que sua verdadeira mãe, já velha e cansada, vaga, há anos e anos, desesperadamente, à procura dos filhos que lhe haviam raptado! Vai por tôda parte, lendo a mão de todos que encontra e predizendo-lhes o futuro...

"Carrasco" chega a Sevilha quando a fama de "Frascuelo" está no auge do esplendor... A cidade se mostra cheia de cartazes anunciando a grande "Corrida Real"...

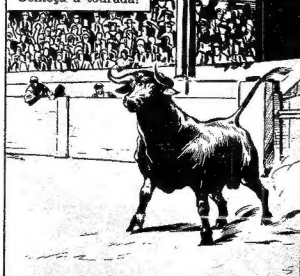
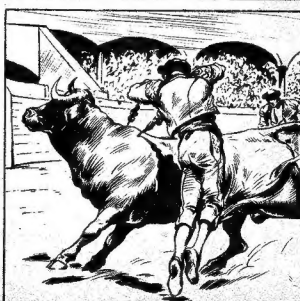
Nisso, aproxima-se Navarras, um outro cigano...

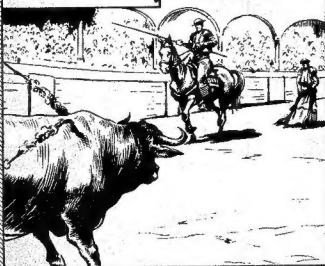
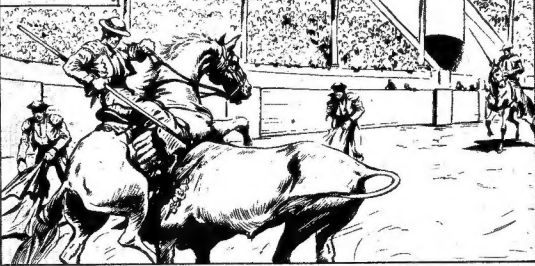
O grupo se reúne às escondidas, num parque, àquela hora deserta, para discutirem os detalhes do audacioso plano de assalto à tesouraria da "Corrida Real", que deveria dar uma grande renda.

No dia seguinte, "Carrasco" e seu companheiro Navarras estão a postos para assistir à tourada...

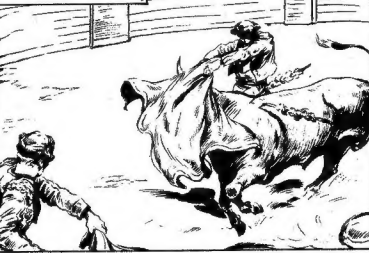
Na arena, a "quadrilla" faz as evoluções de estilo...

...e vai, depois, receber a chave do "toril" — o lugar onde estão encerrados os touros — a qual se acha nas mãos da autoridade mais importante no recinto...

Começa a tourada!

Os "banderilleros" agem com precisão e elegância, e o touro, enfurecido...

...tenta se livrar das "banderillas" espetadas em seu dorso.

Cabe a vez aos "picadores" que, com cautela, enfrentam a fera...

Um cavalo é pôsto fora de combate, com o ventre rasgado pelos ponteagudos chifres do touro!

A multidão, de pé, exige, em altos brados, a continuação do espetáculo...
"Capeadores"!
"Capeadores"!

...e, novos personagens, agitando as capas vermelhas, procuram irritar mais ainda o animal...

...que se acha tão furioso que o recurso é quase dispensável. Surpreendidos pela raiva do touro, os "capeadores" vacilam...

Também "Frascuelo", que aguarda a sua vez de entrar, parece preocupado. Está satisfeito com a ferocidade do touro... mas a atitude dos "capeadores" dá-lhe vergonha, tratando-se de uma "Corrida Real"!

Aquêle touro está furioso!
Êles estão com mêdo dêle...

Incapazes de conter o touro, os "capeadores" fogem vergonhosamente...

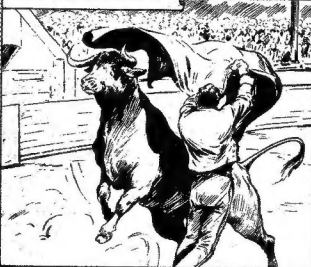
...e o exigente público, de pé, explode em vaias...
COVARDES!
Fora com êstes MEDROSOS!
Que venham outros "capeadores"!

Até mesmo Navarras e "Carrasco" fazem côro com a multidão...
Isto é um insulto à Espanha! Palhaços!
Covardes! E ainda chamam a isso "Corrida Real"!
Covardes! Mostrarei a êsses "civiles" do que é capaz um cigano!

Num ímpeto, "Carrasco", com arrojado salto, se lança na arena, já tendo no braço uma capa que arrancara de um dos "capeadores"...

...e enfrenta o touro, desafiando-o!
Vamos!

O animal investe, e...
Olé!

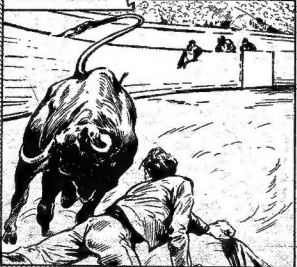
A cada passe, o touro volta com redobrada fúria, mas, inùtilmente!

A multidão se diverte e aplaude, entusiasmada...
Que jovem de valor!
Cigano valente!
Bravo!

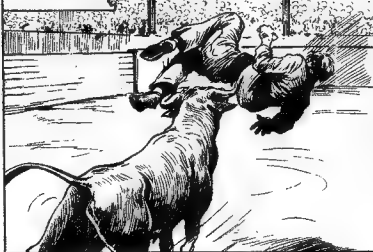
Caramba! Êle tem a destreza de um toureiro!
Mas... não resistirá muito...

Repentinamente, aquela brincadeira parece que vai se transformar em tragédia! A fúria do touro chegara ao máximo! Não dá descanso ao cigano, que, entretanto, não quer abandonar a arena. De repente...

Caramba! Bem que eu disse! Se êle não saltar a "barrera", o touro dará cabo dêle! Vês como já o domina?

Apanhado em cheio, mas felizmente sem ser ferido, "Carrasco" é atirado à distância!
Estou perdido!

O touro ataca outra vez e já está a poucos metros dêle...

...mas, "Carrasco", com agilidade e sangue frio, evita mais uma vez o golpe! De um salto, volta ao centro da arena...

...a provocar o animal enfurecido! Mas...
Olé!

O corpo de "Carrasco" está estirado em plena arena. Felizmente, o golpe não fôra perigoso. Ao atingi-lo, o chifre do touro se enfiara por baixo da faixa de sêda, sem lhe causar ferimento!

"Carrasco" responde sêcamente e com evasivas, às perguntas, pois se lembra de que seus companheiros já devem estar impacientes e êle precisa chegar a tempo para o assalto combinado.

...e fogem perseguidos pelos "carabineros". Navarras consegue escapar levando uma boa parte do dinheiro.

Fôra dado alarma geral, no entanto, e tôdas as saídas da cidade estão guardadas, não sendo permitido passar qualquer pessoa sem prova de identidade.

"Carrasco" consegue burlar os policiais, penetrando nos jardins de uma bela e suntuosa vivenda. É a casa onde mora "Frascuelo"...

Pouco depois...

"Carrasco", ali, naquela mansão, se sente seguro, mas não pode esconder por muito tempo a verdade. Com mentiras bem arranjadas, consegue captar a confiança, a franca hospitalidade e a proteção do toureiro. E, então...

Entretanto, Navarras, fôra prêso e o dinheiro é apreendido...

Mas com a magnânima intervenção de "Frascuelo", posteriormente o processo é arquivado...

De volta à casa, "Frascuelo" procura "Carrasco"...

No dia seguinte, "Carrasco" se encontra com Navarras.

Antevendo a cômoda vida que terá, e de ôlho no dinheiro do toureiro, é que "Carrasco" aceitara o generoso convite dêste...

Entretanto, "Frascuelo" não descansa, à procura de uma explicação para aquela espantosa semelhança com "Carrasco". Mas, em vão. Vários anos já se passaram desde o dia do assalto à tesouraria. Seus pais adotivos já estão mortos e Bombitas não conhece o segrêdo da adoção de "Frascuelo". Entre os "malahombras", ninguém mais se lembra de quando "Carrasco" era pequenino. Uma estranha tatuagem que os dois trazem impressa na palma da mão, (êste é o sinal que "Cuenca" tanto procura, lendo a mão de todos por onde vai!) dá a entender a "Frascuelo" que...

Mas, a atividade da temporada de "corridas" o distrai daquela preocupação O "espada" pertence ao público que, agora, já chama os dois valentes toureiros: "Los hermanos"! Juntos, êles combatem e juntos vencem tôdas as "corridas"...

Mas a irrefreável ambição, a obcessão do êxito pessoal e a inveja que tem da glória de "Frascuelo", que continua a ser o preferido, faz nascer na alma de "Carrasco" um vil sentimento de ódio. Certo dia, em conversa com os antigos cúmplices...

Em um relâmpago, estão os dois contendores de navalha em punho. Mas, Bigote, com um golpe traiçoeiro, faz com que Bombitas deixe cair a arma. "Carrasco", dêsse modo, está prestes a ferir mortalmente o velho "espada", quando...

...um punho de aço apara o golpe no ar!

Bombitas se mostra pronto a atender, mas, "Carrasco", cheio de ódio, repele qualquer proposta de apaziguamento. E, então...

"Frascuelo", não deves meter o bedelho em meus negócios! Se não fôsse a tua intervenção, já teria dado uma boa lição a êste intrometido!

Na cidade, a notícia do rompimento dos dois "hermanos" causa, ràpidamente, desentendimentos entre os "aficionados" de "Frascuelo" e os de "Carrasco". Por tôda parte, as discussões são acaloradas...

...e o cigano apoiado por seus admiradores, se vangloria de ser superior a seu rival.

Um dos maiores cafés de Sevilha passa a ostentar o nome do grupo de toureiros inimigos de "Frasculo", grupo êste encabeçado por "Carrasco". É o "Café de los Rebaldes"...

...à frente do qual há manifestações...

Num outro café, que toma o nome de "Club de los Indipendientes", reúnem-se os partidários de "Frascuelo".

GRANDE CORRIDA REAL

POR OCASIÃO DA COROAÇÃO DO INFANTE JOSÉ, SERÁ REALIZADA EM SEVILHA A MAIOR CORRIDA JAMAIS REGISTRADA NOS ANAIS DA TAUROMAQUIA. O INFANTE ESTARÁ PRESENTE E ENTREGARÁ A ESPADA COM O PUNHO CRAVEJADO DE DIAMANTES AO MELHOR TOUREIRO EM CAMPO, NASCIDO EM SEVILHA. OS SEIS TOUREIROS QUE TOMARÃO PARTE NO CERTAME SERÃO ESCOLHIDOS POR UMA COMISSÃO COMPOSTA DOS VALENTES E ANTIGOS "ESPADAS" BOMBITAS, EL DUEÑO, MANRIQUEZ E VALVERDE. ESTA COMISSÃO SERÁ PRESIDIDA PELO GOVERNADOR DE SEVILHA, DIEGO DE GALAORRA.

A comissão, composta dos cinco toureiros sob presidência do Governador Diego, reúne-se, enquanto isso, no Palácio do Govêrno. E Bombitas, um dos mais antigos entre êles...

Mas... não vamos provocar a ira dos "Rebaldes" com a exclusão de "Carrasco"? Pensai bem, antes de tomardes uma decisão!

Temos os meios de reprimir tôda e qualquer tentativa de violência. Como presidente da comissão, e como Governador, aprovo a exclusão de "Carrasco"!

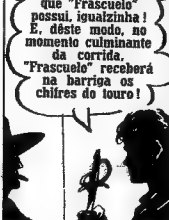
Depois de breve discussão, são escolhidos os nomes dos seis toureiros que vão participar da corrida. Pertencem todos ao "Club de los Indipendientes". Bombitas lê os nomes dos "espadas" escolhidos.

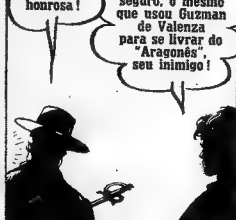
À saída do Palácio, Bombitas encontra-se com "Frascuelo"...

Tive conhecimento da decisão. Não devíeis ter sido tão severos para com "Carrasco"... Êle é um dos mais valorosos toureiros de Sevilha!

O nosso critério na escolha foi imparcial e honesto! Eu não tenho de que me censurar.

Reunindo os seus partidários, "Carrasco" organiza um desfile de protesto e, para desviar a atenção da Polícia, manda dar ao Governador a falsa notícia de que a arena e o "toril" seriam assaltados pelos enraivecidos "Rebaldes".

Isso mesmo! Compreendeste rápido! Amanhã, irás à arena, e substituirás por esta a espada que "Frascuelo" possui, igualzinha! E, dêste modo, no momento culminante da corrida, "Frascuelo" receberá na barriga os chifres do touro!

Perfeito! Nada se percebe... Até que escolheste para "Frascuelo" morte bastante honrosa!

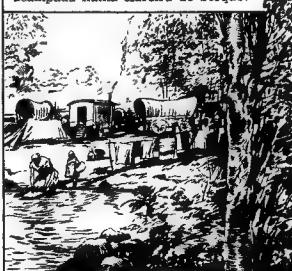
Será um método seguro, o mesmo que usou Guzman de Valenza para se livrar do "Aragonês", seu inimigo!

"Carrasco" galopa tôda a noite, em direção a Sierra del Campo...

De madrugada, dá um ligeiro descanso ao cavalo. Mas não está tranqüilo. Preocupa-o alguma coisa que a sua superstição lhe não explica...

Mas, não são os maus agouros que perturbam o espírito de "Carrasco": é a sua consciência que lhe provoca remorsos. E êle, quase se decide a voltar a Sevilha, mas, não tendo coragem para tanto, retoma a estrada.

Ao nascer o Sol, "Carrasco" pensa que talvez seja mais prudente se internar num bosque, o que lhe servirá não só para um descanso como também como bom esconderijo.

O Sol já está a pino, quando êle desperta com um vozerio confuso...

...que parte de uma caravana de ciganos acampada numa clareira do bosque.

Ciganos! Ainda bem... Entre êles estarei tranqüilo...

A Providência Divina levara "Carrasco" justamente para aquêle bosque onde estão acampados os ciganos entre os quais vive há muitos anos a cega "Cuenca", que mantém acesa a esperança de encontrar seus dois queridos gêmeos... "Carrasco" é bem recebido e é logo cercado pelas crianças e belas mulheres que lhe oferecem suas mercadorias...

"Carrasco" se refaz com uma boa refeição... quando a sua atenção é despertada pela presença de "Cuenca".

"Cuenca", queres ler a mão dêsse "valiente" senhor?
Quem é êle?
Sou toureiro e cigano, também, da tribo dos "malahombras"! Eis minha mão...

Ao ouvir o nome de "malahombras", "Cuenca" se levanta com um salto. .
"Malahombras", disseste?
Que houve!
Vem cá!

Numa febril agitação, "Cuenca" passa seus dedos nervosos pelas mãos do forasteiro... Ela procura um sinal... um sinal inconfundível para ela!

Aqui está! Sim... Eis aqui!

Filho... Querido filho! Hernandez!

"Carrasco" fica sem saber o que dizer, tal seu desapontamento...
Deus miraculoso seja louvado!
Mas... explicai-me, boa velha! Não compreendo!

...e "Cuenca" lhe conta o massacre daquela trágica e longínqua noite, no campo dos "gredos"...
Desde então, nada mais eu soube de meus filhos!
Mas, êste sinal... na mão...

É um sinal de nobreza da nossa estirpe! O sinal da descendência do primeiro e maior toureiro da Espanha, Francisco Romero...

"Cuenca" termina a revelação...
Tu trazes o sinal na mão esquerda, José na direita... tu e êle sois gêmeos... Por onde andará êle?

...e "Carrasco" gagueja..
José? Mas... agora me lembro... Sim, eu vi um sinal igual na mão direita de "Frascuelo"... Sim! A nossa parecença... Mas, então... êle...

Que dizes? Fala! Onde está teu irmão? Que foi feito dêle?...
Mas... não sei!

Dentro de poucas horas, na arena de Sevilha, se Navarras executar a ordem recebida, "Frascuelo" morrerá tràgicamente... "Carrasco" sente todo o horror de sua feia ação, e se arrepende! Mas, não tem ânimo de revelar à sua mãe o seu terrível segrêdo...

Desejei a morte de um homem! De meu próprio irmão! É horrível! Chegarei a tempo?

Vem comigo a Sevilha! Não posso dizer nada mais... Depressa! Talvez ainda haja tempo!
Tendes um outro cavalo para ela?

Montados em dois velozes cavalos, "Carrasco" e "Cuenca", acompanhados por um jovem cigano, partem para Sevilha. O Sol, a pino, é escaldante... Para encurtar caminho, os cavaleiros atravessam os campos...

Dize-me, filho... Vamos à procura de quem? De José?... Não queres explicar-me...

Enquanto isso, em Sevilha, a multidão de "aficionados" se comprime na entrada da arena para comprar os ingressos, numa acalorada disputa dos melhores lugares. E outros, já acomodados, discutem e fazem apostas.

...mas "Carrasco" quase não ouve as palavras de sua mãe. Sente uma aflição que lhe transtorna a alma. Receia não chegar a tempo... A tarde está abrasadora, e, em Sevilha deve estar começando a tourada... E ainda falta tanto, para se chegar lá!

O pobre animal, exausto, parece implorar piedade...
Levanta-te! Upa! Maldito pangaré!

Não te exaltes, filho! Prosseguiremos a pé, e verás que encontraremos um veículo... Deus há de ajudar-nos!...

Mas, naquela hora de Sol quentíssimo, a estrada está deserta. "Carrasco" e sua mãe caminham o mais depressa que podem...

..e, na "Plaza de Toros", em Sevilha

Viva o Rei!
Viva a Rainha!
Viva!
Viva Espanha!

Nas primeiras filas de camarotes, belíssimas mulheres ostentam seus adornos andaluzes...
Viste "Frascuelo"?
Não, mas aparecerá na "quadrilla"...
Eu nunca o vi...

Nesse momento, "Frascuelo" se encontra no vestíbulo, entre amigos e jornalistas. Está um pouco nervoso e impaciente. É possível que esteja sentindo a voz do sangue...
Serás o segundo a entrar em combate! Sentes-te seguro?
De certo, Bombitas! Como sempre! Mas esta longa espera provoca-me estranha ansiedade...

Enquanto isso, Navarras, disfarçado como simples empregado, espreita o toureiro...
Não é nada fácil cumprir o que "Carrasco" me pediu!

Ao mesmo tempo, na estrada, "Carrasco" tenta explicar a um camponês a sua pressa em chegar a Sevilha...
Amigo... Tens um cavalo que possas emprestar-me? Um cavalo veloz?
Não, senhor! Tenho apenas um burrico! Se o quiserdes...

Na falta de cavalo, serve...
Senhor... êle não corre como um corcel, mas chegará lá!

Filho meu! Eu não posso ir contigo?
Não, mãe! Eu gostaria muito, mas é impossível! É preciso ir mais depressa! Voltarei aqui ainda hoje! Adeus!

"Carrasco" parte, ao trote do burrico...
Arre! Vejo que não chegarei a tempo!

Nisso...

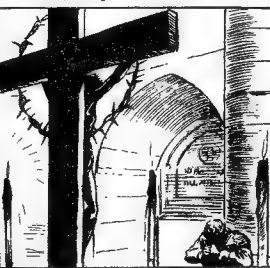
"Carrasco" não tem tempo, nem ao menos, para pedir...

É preciso correr, voar! O tempo passa e talvez na arena...

Para encurtar o percurso, "Carrasco" prefere os atalhos...

Lá, na "Plaza de Toros", em Sevilha, o espetáculo já teve início e o primeiro touro entra na arena. "Frascuelo", enquanto aguarda sua vez, se dirige para a capela votiva onde espera, com suas preces, receber dos céus fôrça e destreza para vencer a fera que lhe couber. E não vê que alguém o segue...

Antes de se ajoelhar, "Frascuelo" deposita a capa e a arma sôbre um banco...

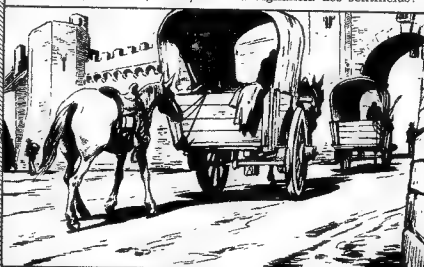
E, enquanto está ajoelhado diante do crucifixo, em profundo recolhimento...

... Navarras cumpre sua missão...

"Carrasco" chega às portas de Sevilha, mas logo percebe que tôdas estão guardadas pela Polícia... É preciso usar de estratagema para passar, sem ser reconhecido...

Diabo! As portas estão vigiadas... Como poderei passar? E lá está justamente aquêle sargento que me prendeu!

Naquele momento, duas carroças cobertas se aproximam, em direção à porta...

Avistando-as, "Carrasco" compreende que ali está a sua salvação. Sem perder um instante, fala ao cocheiro da segunda carroça. Êle conhece àquela gente e sabe como deve dirigir-lhe "a palavra"...

"Carrasco" se esconde na carroça, depois de prender o animal pela rédea, atrás. E, assim, burla a vigilância dos sentinelas.

Entretanto, lá na capela, "Frascuelo" termina a sua oração e se prepara para tourear. Sem notar que a espada fôra trocada...

...enquanto a multidão o ovaciona...

...diante do camarote real, "Frascuelo" dedica ao Infante a sua futura vítima.

Depois joga para trás o negro gorro de pele. Segundo a tradição das corridas de touros, êsse é um gesto que traz boa sorte...

De cabeça descoberta, o "espada" se dirige ao encontro do touro.

Depois de haver executado as ordens de "Carrasco", Navarras vai para as arquibancadas, confundindo-se com o público.

"Carrasco" está indo para a "Plaza de Toros"...

E, enquanto "Frascuelo", na arena, exibe magníficas evoluções...

..."Carrasco" chega, finalmente, e procura uma entrada menos vigiada.

As "verônicas" esplêndidamente executadas por "Frascuelo" dão calafrios aos assistentes!

Agora, ajoelhado, o "espada" espera o touro para dêle zombar mais uma vez...

Olé!

Lá fora, no entanto...
Quem é aquêle que saltou o portão?

...os "carabineros" surpreendem um intruso..

"Carrasco" foge ao longo dos corredores do "toril"...

Pega! É um dos "Rebaldes"!

A gritaria dos guardas chama a atenção dos empregados do "toril" que ..
Quem és? Pára!

Em "Carrasco" aumenta a vontade de entrar na arena a todo o custo! Fàcilmente abre caminho com violentos murros, mas os guardas ganham tempo...

Pára, covarde!
Segura-o firme! É um "Rebalde". Creio tratar-se de "Carrasco"!

Soltai-me!

"Carrasco" é trancado em um curral de touros...
Fique quietinho aí... depois voltarás à prisão de onde fugiste!

Estou prêso! Não terei mais tempo!

...no instante em que "Frascuelo" está sendo aplaudido de novo.
Admirável!
Perfeito!
Ótimo! Ótimo!

As evoluções que "Frascuelo" faz na arena são de alto estilo Parece, até, que o corpo do toureiro é animado pela cadência de uma estranha melodia. Agora está sentado numa cadeira em meio da arena, à espera de mais um ataque da fera!
Vamos! Vamos!

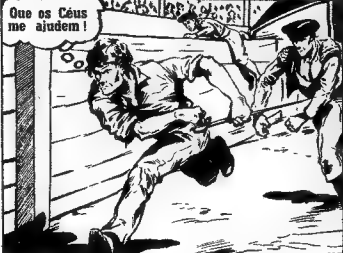
E, de repente...
Olé!

"Frascuelo", pela última vez, com uma outra arriscada "muleta" se esquiva de um ataque do touro, e o público insaciável reclama o golpe final. Com uma reverência, o "espada" se apronta, então, para a estocada...

As aclamações da multidão parecem mais próximo, o que faz multiplicar-se a fôrça dos músculos de "Carrasco"...

Chegarei ! Sim ! Hei de chegar !

Os chifres do touro atingem o bravo toureiro a quem a faixa de sêda que lhe envolve a cintura salva. Mas um outro ataque do animal poderá ser fatal!

"Carrasco" consegue se livrar! Arranca de passagem a espada das mãos de um toureiro, e...

...entrando no "ruedo", enfrenta o touro! Com certeira estocada abate a fera! Tudo se passa ràpidamente, como naquele já distante dia, ali, naquela mesma arena, quando "Frascuelo" lhe salvara a vida!

Tendo arrancado do corpo do touro a lâmina quebrada, "Carrasco" a mostra ao público...

Estupefato, "Frascuelo" dirige-se a "Carrasco"...

Em poucas palavras "Carrasco" narra a estranha história de sua mãe cega que andara por tôda a Espanha procurando o sinal revelador, na mão...

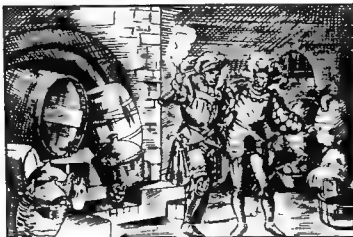
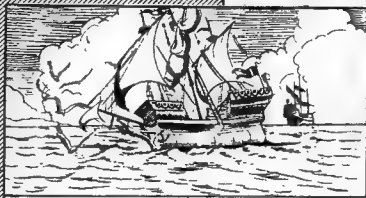
E, com a intervenção do próprio Infante, que ficara sabendo do ocorrido, o Governador de Sevilha põe à disposição dos dois irmãos toureiros, uma carruagem puxada por magnífica parelha! Assim, Hernandez e José, com o coração transbordando de felicidade, partem ao encontro de sua querida mãe...

...com quem se encontravam, pouco depois. E assim o destino reúne, finalmente, três vítimas da crueldade dos "malahombras" — três sêres que, ao se acharem uns aos outros, encontraram, também, a mais completa felicidade!

FIM

Em 1512, na cidade de Gênova, o cidadão Emanuele Cavallo contempla, com outros amigos, a gigantesca Fortaleza Briglia, último reduto do domínio francês na península...

Entretanto, Giano Fregoso, o Sereníssimo, Doge de Gênova, discute a questão com os chefes das nobres famílias da cidade...

Mattia Giustiniani insiste em que é necessário acabar com o domínio francês.

O oficial expõe a situação ao comandante, esclarecendo que existem víveres para dez dias ainda, e água para uma semana. E sugere que ordene uma escapada durante a noite.

...passa entre as galeras do inimigo sem ser molestado...

...e vai ancorar junto à fortaleza

Dentro do forte...
E' O NAVIO QUE SE ESPERAVA! ESTAMOS SALVOS!
OS GENOVESES FORAM ENGANADOS! DEIXARAM-SE ILUDIR. POIS AS INSÍGNIAS FORAM TROCADAS PROPOSITADAMENTE!

DE BORDO FAZEM SINAIS! E, POR MEIO DE UMA FLECHA, ATIRARAM UM PEQUENO VOLUME!

MEU SENHOR, EIS AQUI A MENSAGEM QUE ATIRARAM DE BORDO!

DIZEM QUE OS PORÕES ESTÃO ABARROTADOS DE ARMAMENTO E DE VÍVERES. PEDEM A PROTEÇÃO DOS NOSSOS CANHÕES CONTRA AS NAVES GENOVESAS!

TODOS A POSTOS! E QUE ABRAM FOGO CONTRA QUALQUER NAVIO QUE SE APROXIME DO BARCO!

Pouco depois, em Gênova...
SERENÍSSIMO, O CHEFE DA GUARDA DE SÃO TOMÁS VOS ENVIA UMA URGENTE MENSAGEM!

QUE ACONTECEU?

UM NAVIO INIMIGO, USANDO O NOSSO ESTANDARTE, CONSEGUIU ROMPER O BLOQUEIO DE NOSSA ARMADA!

Infelizmente, para o Doge, é verdade! O navio francês fôra firmado com amarras nos rochedos da fortaleza.

Nobres e plebeus se acotovelam. Desaparecem momentâneamente os preconceitos sociais de castas, pois a República está ameaçada!

E o Doge fala...
OS FRANCESES NOS ILUDIRAM, E A SEGURANÇA DE NOSSA GÊNOVA CORRE PERIGO! APELO, POIS, PARA VÓS! AQUÊLE QUE TIVER ALGUM PLANO A SUGERIR, QUE O FAÇA!

Mas, nenhum dos presentes ousa tomar a palavra. Todos temem assumir a responsabilidade de fazer sugestões...

Depois de alguns instantes de expectativa, o Doge insiste...
APELO, SENHORES, PARA QUE FALEIS! ESTÁ AMEAÇADA A VOSSA VIDA E A DE VOSSAS FAMÍLIAS! QUE DEVEMOS FAZER, PORTANTO?

Então...
SERENÍSSIMO SENHOR! OUSAREI — SENDO UM HOMEM DO MAR — DAR O MEU PARECER!

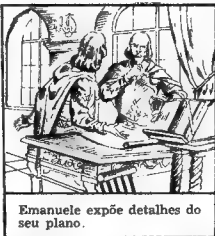
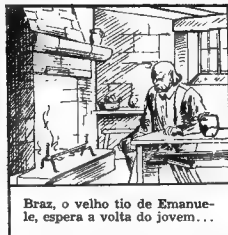
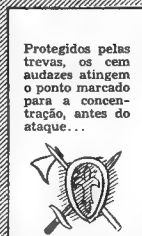
QUAL É O TEU NOME, E O QUE TENS A DIZER?
CHAMO-ME EMANUELE CAVALLO! TENHO COMBATIDO POR GÊNOVA, E NÃO TEMO OS PERIGOS!

PRECISO APENAS DE UM GALEÃO E DE UMA CENTENA DE HOMENS BEM ARMADOS! PROPONHO ASSUMIR EU O COMANDO, E FAZER A ABORDAGEM DO NAVIO INIMIGO QUE INVADIU AS ÁGUAS SOB NOSSO DOMÍNIO!

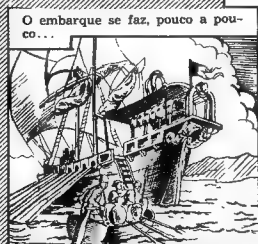
QUE SE FAÇA COMO DIZES! ESCOLHE DENTRE OS PRESENTES QUEM POSSA TE AUXILIAR, E...

Mas, todos os presentes exclamam, ao mesmo tempo, que não é preciso escolher, pois o plano é bom, e seguirão com Emanuele! O entusiasmo é geral!
IREMOS CONTIGO!

André Dória, em nome dos nobres, toma a palavra...
NÃO FICARIA BEM, Ó SERENÍSSIMO, QUE APENAS PLEBEUS CORRESSEM TAL RISCO! A NOBREZA, POR MEU INTERMÉDIO, VOS OFERECE A ESPADA E A VIDA!

O Doge se sente orgulhoso...
DIGNA ATITUDE, A VOSSA! E, PARA CONTENTAR A AMBAS AS PARTES, CINQÜENTA HOMENS DO POVO E OUTROS TANTOS DA NOBREZA PODERÃO PARTIR, SOB O COMANDO DAQUELE QUE FÊZ A SUGESTÃO!

Emanuele expõe detalhes do seu plano.

Braz, o velho tio de Emanuele, espera a volta do jovem...

Protegidos pelas trevas, os cem audazes atingem o ponto marcado para a concentração, antes do ataque...

Ancorado, não muito distante, lá está um galeão à espera dêles...

Emanuele avança, em primeiro lugar, seguido por alguns companheiros.

O embarque se faz, pouco a pouco...

...enquanto, longe, na cabana humilde...

...e nas ricas vivendas, os genoveses que ficaram, oram pelo êxito da emprêsa!

Mas o ancião confiara demasiado nas suas próprias fôrças! Na metade da subida é forçado a procurar amparo, para recuperar o fôlego...

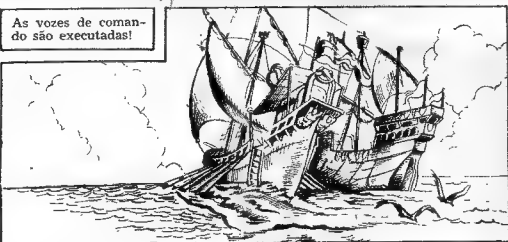
O Velho Braz pensa...

Como se fôra vigoroso mancebo, o ancião faz vibrar os sinos.

Cem vozes se alteiam, numa só prece pela vitória:

De velas sôltas, gonfalões e bandeiras ao vento, o barco genovês está para cair sôbre o inimigo! No reduto dêsses...

A bordo do navio genovês, Emanuele dá ordens!

As vozes de comando são executadas!

O comandante francês da fortaleza vê que é impossível tentar alvejar o inimigo, pois atingiria os próprios amigos! E, então, resolve empregar arcos e bestas...

A violência do combate não diminui o ardor dos genoveses...

Dentro em pouco, a nave inimiga é agora uma carcaça desarvorada sôbre as ondas..

André Dória, para salvar o seu concidadão, é atingido pelo machado que voa da mão de um francês.

São dadas ordens para que a nave francesa seja rebocada para Sanpierdarena.

Os franceses se desesperam!

Em terra firme os guerreiros genoveses se dispõem ao assalto final!

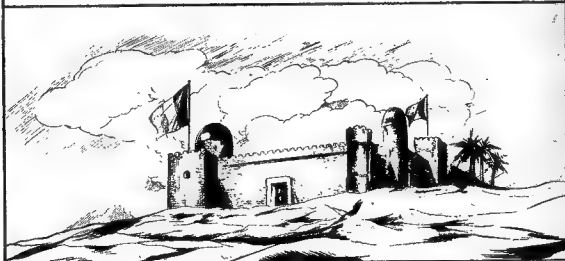
E, finalmente, os invasores tomam a decisão fatal!

Sonora, expande-se no espaço a notícia do triunfo, e o velho Braz não sente cansaço. Parece que as fôrças se lhe multiplicam.

Mas o coração cansado não resiste! Emocionado pela alegria, esgotado pela vigília, o ancião perde os sentidos.

Gênova está vitoriosa! Mas foi dos ensinamentos dados por homens de fibra como aquêle que resultaram os heróis que a engrandeceram!

De quando em quando, as caravanas que repousam à sombra das palmeiras véem passar a horda de guerreiros .

Como sentinela avançada no deserto, ergue-se um fortim francês com uma guarnição não superior a cento e cinqüenta homens pertencentes a Legião Estrangeira.

Comanda-o um jovem oficial, o Capitão Dupré. É um homem severo e leal, amado e respeitado por seus inferiores hierárquicos. Certo dia...

...o Capitão chama o Tenente Dumesnil, que passa no momento...

Tenente, vem cá. Esta calma aparente me preocupa. Reforce as sentinelas e, depois, procura-me no gabinete de comando.

Sim, Capitão !

Enquanto o Tenente vai executar a ordem recebida, Dupré se dirige ao seu gabinete...

...onde encontra alguns novos despachos telegráficos sôbre a escrivaninha.

Nesse momento, chega o Tenente...
Tudo em ordem, Capitão.
Entra e senta-te, Dumesnil.

Êstes despachos informam sôbre uma concentração de rebeldes em nossa região. O fortim número três foi atacado! Creio que não tardará a nossa vez...
Os homens estão em forma.

O inimigo espera nos colhêr de surprêsa...
Está tudo preparado para enfrentá-los!

Retirando-se, o Tenente se dirige para o torreão central da fortaleza...

... de onde a sentinela perscruta atentamente as dunas Mas o misterioso deserto é impenetrável ao olhar...
Nada percebeste de anormal, Brignol?
Até agora, nada, Tenente!

O Capitão está preocupado. A região está infestada de rebeldes.
Estamos vigilantes...

Não percas de vista um só palmo de areia, Brignol! A qualquer coisa suspeita que vejas, dá um tiro de aviso, para o ar!
Sim, senhor, Tenente!

O resto do dia transcorre sem novidade. A noite cai ràpidamente sôbre o imenso Saara As sentinelas estão a postos. E das dunas chega, de vez em quando, o uivo de um chacal...
Os chacais estão inquietos...
Devem estar com fome...

Levanta-se no horizonte a Lua crescente, espalhando uma claridade prateada sôbre as dunas. A sentinela estende o olhar atento, procurando sondar todos os recantos do deserto

De repente, um tiro rompe o silêncio da noite!
Que foi?
Inimigo à vista!

Acorrem o Capitão Dupré e o Tenente Dumesnil...
Dá o alarma!
Sargento! Reúne o pessoal! Todos em posição de combate!
Sim, Tenente!

O corneteiro faz soar o alarma, enquanto que ..

...das dunas surgem, como por encanto, os beduínos! Disparando a êsmo, precipitam-se em direção ao fortim!

Uma nutrida fuzilaria os recebe, fazendo-os compreender que estavam sendo esperados...
FOGO!

Mas, ràpidamente, os atacantes se abrigam, aproveitando-se das vantagens que para isso oferece a natureza do terreno. E, na amurrada...
Sumiram-se!
Êles deslizam, como serpentes, por entre as dunas! Impossível atingi-los!

Economizar munição! Não disparar, senão com absoluta certeza de não errar!
Raios de beduínos!

Por um triz o Capitão Dupré não recebe uma bala na cabeça!
Cuidado, Capitão!
Escapei, desta vez! Uff!

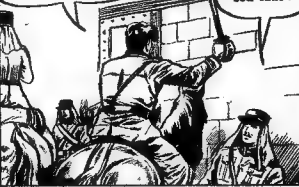
Passam-se horas. Das dunas, os rebeldes avançam rastejando, e de improviso uma fuzilaria cai sôbre os defensores do forte!

A guarnição, já pequena, se torna menor. A enfermaria está repleta de feridos!
Mais um, doutor!
Pode pô-lo naquele canto.

A situação se torna insustentável. Dupré decide jogar a sorte.
Tenente, reúne um esquadrão! Vou tentar uma investida.
É perigoso!

Obedece às minhas ordens!
Irei com o senhor!

Pouco depois, quando já iluminavam o horizonte os primeiros albores do dia, trinta cavaleiros, sob o comando do próprio Capitão, aguardam que a porta do forte seja aberta.

Fica no comando do forte, Tenente!
Eu preferia estar ao seu lado!

Deus vos proteja!
Abra! Em marcha! Pela França!

Impetuosamente, os legionários galopam...

O surpreendente ataque põe em fuga desordenada os beduínos.
Avante! A vitória é nossa!

A vitória é completa. Nas areias restam só os cadáveres dos rebeldes caídos.
Alto! O inimigo fugiu! Voltemos ao forte!

Dupré retorna vitorioso, e é acolhido pelas calorosas saudações de seus soldados.
Viva o nosso Capitão!
Bela vitória!
O mérito é de nossos legionários...

Agora, quero repousar um pouco. Continua no comando, Tenente Dumesnil.
Estarei vigilante.

Enquanto o Capitão repousa, o telegrafista se apresenta ao Tenente.
Recebi agora mesmo êste despacho urgente.
Dá-mo! Vou levá-lo ao Capitão!

E...
Desculpe-me se o incomodo, mas chegou êste telegrama URGENTE!

O Quartel-General ordena que nós dois partamos, hoje mesmo, para Argel! Deverá chegar breve o meu substituto, o Capitão Le Mercier.
Que quererão de nós?

Não posso imaginar... Mas, temos de obedecer às ordens, apesar de ser desagradável ter que deixar o forte neste momento. Apronta-te para partir, Tenente!
Daqui a uma hora estarei pronto.

Ao meio-dia, dois oficiais, a cavalo, chegam às portas do forte. São o novo comandante e seu auxiliar imediato.
Eis a nossa nova residência...
Um tanto isolada, Capitão Le Mercier...

Daí a pouco...
Sou o novo comandante, e êste é o Tenente Patrol. O senhor é aguardado com urgência em Argel, Capitão Dupré!
Estamos prontos para partir. Le Mercier, confio às vossas ordens os legionários!

Com um triste adeus dos soldados, partem Dupré e Dumesnil...
Vamos sentir a vossa falta, Capitão!
Felicidades, Dupré!
Obrigado!

Em rápido galope se distanciam do forte os dois cavaleiros...

.. transpondo as dunas de areia escaldante.
Com êstes cavalos, chegaremos antes do anoitecer!
Correm como o vento! Espero que não se cansem!

Mas... há beduínos de emboscada...
Que Alá me cegue, se aquêles dois infiéis escaparem!
São oficiais franceses!
Bela prêsa! Logo que estejam ao alcance de nossos fuzis, atiremos!

Momentos depois, os dois oficiais estão sob o fogo dos rebeldes.
Diabo! Uma emboscada! A galope!

Sem demora...
Ficaram para trás! Podemos ir mais devagar, agora...
Argel não está longe...

Na verdade, momentos depois surgem ao longe os minaretes da branca cidade árabe, e...

...em seguida...
Agora vamos ao Quartel-General.

Capitão Dupré, o General está à espera!
Bem. Leva-me à presença dêle!

O General parece impaciente...
Há muito que vos espero!
Fomos atacados no deserto, senhor!

Vou confiar-vos uma difícil missão: os rebeldes do Mahdi recebem constantemente armas de traficantes europeus. Deveis descobrir como fazem êles êsse contrabando, e prender os responsáveis!

Só vós podereis fazer êsse serviço! Conheceis bem tôda a região e a língua árabe. Isso e o vosso valor pessoal são uma garantia de que sereis bem sucedidos!

Como os riscos são muitos... tendes a liberdade de recusar ou...
Seguiremos vossas ordens, General!

Obrigado. Procurai, então, o velho Ahmed. Êle já foi avisado. Felicidades!
Às ordens, General!

É a hora do crepúsculo. O muezim chama os crentes do Profeta à oração . .
ALÁ! ILALÁ! CHALE ALÁ!

Os dois oficiais atravessam por entre os muçulmanos prostrados em prece...
O velho Ahmed mora neste bairro.
Vamos depressa!

E, sem demora .
É ali, naquela casa baixa...
Não é lá muito acolhedora, no aspecto...

Dupré bate à porta...

...um escravo núbio abre ..
Que quereis, senhores ?
Teu senhor nos espera. Faze-nos entrar.

Entrai. Eu avisar logo meu senhor.
Dize-lhe que temos pressa!

Os oficiais são logo conduzidos a um aposento forrado de sêdas e ricamente atapetado. Um ancião está sentado, à moda oriental, sôbre uma pele de tigre. Seu rosto é impassível.
Que Alá esteja contigo, Ahmed Alali!
Esperava por vós. Sentai-vos.

Ao convite do ancião, Dupré e Dumesnil sentam-se ao seu lado.
Necessitamos de teu auxílio, ó Ahmed!
Estou a par do que se trata! Quereis que vos TRANSFORME em dois fiéis de Alá, não é isso?
Exatamente!

Ahmed se levanta, e bate palmas. Um escravo surge.
Ali! Faze com que êstes dois amigos fiquem parecendo verdadeiros árabes!
Sim, meu senhor.

Momentos após, os dois oficiais, já disfarçados, estão novamente em presença de Ahmed...
Em nada vos diferençais dos filhos do deserto!
Talvez ainda precisemos de tua ajuda, Ahmed.

O velho Ahmed está sempre pronto para servir à justa causa!
Conheço a tua fidelidade à França! Adeus!

Já é noite quando saem da casa de Ahmed dois homens em trajes tìpicamente árabes, e que se metem pelas tortuosas vielas. Parecem ter um objetivo bem definido.

A taberna que Dupré procura fica no bairro antigo da cidade, a Casbá, onde se aninha a escória social de Argel. Para lá seguem os dois oficiais franceses, passando inteiramente desapercebidos, graças ao disfarce. Dupré tem um plano...

...e tenta executá-lo.

Alguns instantes após, os dois já estão sentados no interior da taberna. Dupré observa atentamente o ambiente...

Realmente, qualquer coisa de suspeito paira no ar. Um gigantesco árabe passeia por entre as mesas...

Dupré, falando em árabe, diz em voz alta, para ser ouvido...

O gigante cochicha, então, breves palavras aos dois supostos árabes.

O gigante se afasta, deixando a sós os dois franceses...
SALAM-ALEIKUM, Es-Said!
Que Alá te conserve!

Quando o aliciador de guerrilheiros está longe...
Eis-nos "fiéis" partidários de Mahdi...
...mas sem nenhuma convicção muçulmânica...

É conveniente que nos separemos. Encontrar-nos-emos mais tarde, na porta leste.
Lá estarei, Es-Said.

Duas horas depois, na porta leste de Argel...
Não são poucos a se unir a Mahdi, e bem nas barbas do Governador francês...

Boa noite, Es-Said!
Oh! Estava à tua espera, Mohamed Ben Ibrahim!

Não sei a quem recorrer, para resolver sôbre o nosso alistamento. Mas, aquêle beduíno que está agachado ali não parece indiferente ao assunto que nos interessa...
Vamos perguntar a êle...

Alá é grande! Sabes onde iremos servir em honra do Profeta?
No campo de Mahdi, o grande chefe!

Daqui a pouco, Es-Said, a caravana partirá. Os vossos cavalos estão lá adiante.
Sabes meu nome?

Sei o teu nome e também o de teu amigo, Mohamed Ben Ibrahim. Sou um dos xeques de Mahdi, e vos conduzirei até êle.
Que Alá te dê muita vida, ó xeque!

O xeque manda fornecer o necessário aos dois "partidários" de Mahdi...
Dá cavalos e fuzis a êstes nossos companheiros!
A cada bala que esta arma cuspir, morrerá um cão infiel!
Pronto!

E, agora, aguardem a ordem de partida!
Sim.

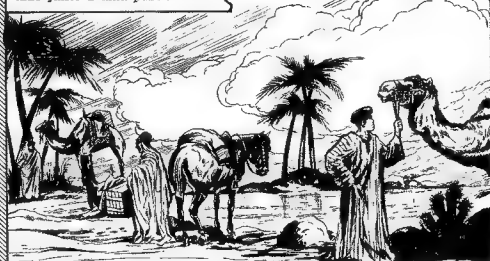
Quando a sós, Dupré examina a arma recebida...
Fabricada em Essen: é de procedência alemã! Bem que eu o desconfiava...
É preciso descobrir como chegam estas armas às mãos dos rebeldes...

É esta a nossa missão!
Saberemos cumpri-la!
Momentos depois, sob a aparência de uma caravana de mercadores, a coluna de voluntários se aprofunda no deserto.
Estamos indo rumo ao Sul...
Eis um ponto de referência...

Os camelos vão carregados de caixas, e...
Tenho certeza de que são armas!

A caravana prossegue silenciosamente. Ouve-se ùnicamente, ao longe, o uivo dos chacais, que não ousam se aproximar...

Ao raiar do dia, avista-se palmeiras — cuja presença indica a existência de algum oásis próximo. E, em seguida...
Vamos parar junto ao poço do oásis, para dar água aos animais.
Sim, ó xeque!

Aproveitando-se da ocasião, Dupré se aproxima do árabe que medita sentado junto a uma palmeira...

Salve, ó irmão do deserto!
Salve!

Ainda falta muito, para chegarmos ao acampamento de Mahdi?
Três dias, ainda.

As caixas que os camelos carregam... que contêm elas?
"Brinquedos", irmão, "brinquedos" que vomitam fogo mortífero...

E... quem nos presta tão valiosa ajuda?
Sabê-lo-ás algum dia! O deserto está cheio de chacais e... querer saber demais... às vêzes pode custar a vida...

Dizendo isso, o árabe se afasta. Dupré fica a meditar...

Nesse momento, chega Dumesnil.
Que há, Es-Said? Noto que estás preocupado...
Psiu! Creio que suspeitam de nós!

Realmente, a pouca distância, está havendo uma conversa...
Quem são aquêles dois, ó xeque?
Voluntários. Por que perguntas?

O mais velho dos dois é curioso demais e a sua bôca só se abre para fazer perguntas!
Pelo sagrado Corão! Devem ser espiões!

Pode ser também que eu me engane... Mas... é preciso estar de ôlho nêles!
Se são espiões, hão de ter a língua arrancada!

Mas, ao Capitão Dupré não escapam essas palavras...
Cuidado, que nos vigiam, Dumesnil!
Vou ver se descobriram alguma coisa...

A caravana se põe de novo em marcha...
Sigamos o mesmo rumo!

...e Dumesnil procura aproximar sua montaria da do xeque.

Assim, pode ouvir, disfarçadamente...
Não creio que sejam espiões...
Tantas perguntas é que me puseram em dúvida.

De qualquer forma, se são espiões, hão de se trair!
Estarei alerta a todos os movimentos dêles!

Era o bastante para que Dumesnil compreendesse a situação; refreando o cavalo, retorna para junto de Dupré.

Suspeitam, apenas! Mas, é preciso tomar cuidado!
Sim.

Mais três dias de viagem; e, eis que surge, no terceiro, um grande acampamento junto às palmeiras de um oásis.

Vês lá, naquele oásis, algumas tendas?
Sim, vejo!

O acampamento é bem grande. Serve de quartel-general a Mahdi. Sempre cercado por fiéis partidários, êle ocupa uma grande tenda em cuja entrada está hasteada a bandeira verde do Profeta.
Chegou a nova caravana?
Sim. São duzentos homens e cem caixas com fuzis e munição para o teu exército!

Von Kassel me prestou um grande serviço! Êle ainda não partiu, creio. Vai chamá-lo.
Sim.

Von Kassel! O mesmo que é conhecido em Argel como honesto comerciante de fazendas!
Chamaste-me, ó filho do deserto?
Sim, quero que vejas como chegam as mercadorias que me vendeste.

Os dois franceses descobrem, assim, quem é o misterioso fornecedor de armas.
Eis o mercador de fuzis!
Ninguém imaginaria que um inofensivo lojista...

Mas, um ancião de longas barbas brancas, que está ao lado de Mahdi, repara nos dois "árabes". É um Emir...
Aquelas fisionomias não me são desconhecidas!

Sim, já sei! São dois oficiais do forte número cinco! É preciso avisar Mahdi!

O chefe é imediatamente avisado pelo velho Emir.
Na caravana vieram dois espiões franceses! Reconheci-os há pouco!
Dá ordem para que sejam presos, imediatamente!

Prendei aquêles homens! São espiões!
Sim, ó Emir!

E, com grande surprêsa para os franceses, vêem-se êles, de repente, cercados...
Que há?
Mahdi mandou buscar-te, cão infiel!

...e conduzidos à presença do chefe rebelde.
Que quereis descobrir?
O que interesse à França, e não a vós!

São, então, atirados em uma sórdida prisão, com quatro sentinelas à vista! Um velho edifício em ruínas, construído há séculos, talvez...
Para dentro!

Pegaram-nos como dois patinhos!
Penso que não temos nenhuma possibilidade de salvação...

Passam-se horas de preocupação...

De repente aquela tênue esperança de Dumesnil se torna realidade! De um instante para outro, o céu escurece, e um furioso vento levanta em turbilhão infernal as escaldantes areias do deserto.

O *Simum*! A terrível tempestade de areia se abate sôbre as tendas, espalhando a destruição e a morte!

E faz ruir também a construção que servia de cárcere.

Foi a Providência Divina que mandou o Simum! Depressa, Dumesnil! Fujamos!

Vamos, Capitão!

Aproveitando-se da confusão reinante no acampamento, os dois procuram escapar.

Quando tudo retorna à calma, êles, após esforços sôbre-humanos para vencer a fúria desencadeada dos elementos, se encontram sós naquela desolada imensidão...

Começa um novo šuplício: a necessidade de água! No alto, o Sol escaldante... Em tôrno, areia .. só areia.

Para onde ir? Que direção tomar?

Tentemos encontrar algum oásis...

Tomara que o encontremos... Estou exausto!

Mas, após um dia de fatigante caminhada, sob um Sol causticante, com os pés sangrando...

Chega a noite, que, no deserto, é gélida, contrastando com o calor abrasador reinante durante o dia... Ao amanhecer, quando os dois fugitivos se dispõem a reencetar a caminhada, vêem alguns árabes a cavalo...

...que, felizmente, passam sem os ver.

Mas o heróico legionário não perdera as esperanças! Apesar de esgotado, sustém o companheiro, ampara-o, e. .

Uma hora mais tarde, porém, caem os dois, exangues

Instantes depois, uma patrulha da Legião Estrangeira em serviço de reconhecimento, os avista...

Passam-se algumas semanas. Até que, certo dia, já restabelecidos, graças aos cuidados do dedicado oficial médico...

Nisso, aparece o General que, tendo sido avisado do que se passara, viera ao forte ..

No domingo seguinte, perante a tropa formada...

ÓPERAS FAMOSAS — V

OS PALHAÇOS

POR RUGGIERO LEONCAVALLO

PARA bem se compreender esta Ópera, é necessário ter-se em conta que ela inclui uma representação dentro de outra representação, isto é, no decorrer da ópera há um ato teatral, que faz parte do libreto.

Antes de subir o pano, surge um dos intérpretes, Tônio, que canta o Prólogo, no qual explica à platéia qual o tipo de drama a que vai assistir.

Logo após, sobe o pano e começa a Ópera, vendo-se o carro de uma companhia de atores ambulantes que se aproxima de uma certa cidade da Itália, lá pelos anos de 1865 a 1870. A companhia é formada apenas de quatro artistas: Cânio, chefe da "troupe", que tem a seu cargo o papel de Polichinelo — o palhaço da peça que êles representarão; já está com a vestimenta característica, e deverá fazer humorismo enquanto Beppe, que fará o papel de Arlequim, (o enamorado de Colombina, na peça). Colombina será encarnada pela linda Nedda, mulher de Cânio. O quarto componente da companhia é Tônio, gorducho, feio, que, na realidade, está apaixonado por Nedda; mas esta não o suporta, já que está amando Sílvio, um rico cidadão.

Antes de começarem a representação teatral, Cânio vai a uma taverna a fim de beber com os habitantes do lugar e para anunciar-lhes que o espetáculo começará às 7 horas daquela noite. Convida Tônio e Beppe a irem com êle; Beppe entra na barraca para mudar de roupa, dizendo-lhe que irá depois encontrar-se com êle, na taverna. Mas Tônio diz que precisa ficar para dar alimento à mula que lhes serve para puxar o carro; com isso, quer apenas tirar proveito da ausência de Cânio para cortejar Nedda. Esta o odeia e, tomando de um chicote esquecido lá por Beppe, expulsa o intruso da sua barraca. Tônio, obrigado a fugir, avisa-a de que se vingará.

Assim que Tônio sai, entra Sílvio e começa a namorar Nedda, o que é visto por Tônio, que voltara. Percebendo ser essa a oportunidade para se vingar de Nedda, Tônio sai e vai contar a Cânio que alguém está namorando sua mulher. Cânio chega apenas a tempo de

ver Sílvio fugindo, mas não consegue saber quem é êle; tira um punhal do cinto, ameaçando matar Nedda, se esta não lhe revelar o nome do sedutor. Ela nada revela; Beppe, que chega nesse instante, toma o punhal de Cânio e ordena que cesse a briga, pois está na hora de todos irem para o palco a fim de se começar o espetáculo.

Mas o coração de Cânio está ferido, porque êle sabe agora que Nedda está amando outro. E, à medida que se prepara para entrar em cena, canta a famosa ária:

> "Representar com o meu coração
> enlouquecido de tristeza,
> Eu não sei o que estou dizendo
> nem fazendo.
> No entanto preciso enfrentar isso!
> Coragem, coração meu!
> Palpitas, não em um homem! Mas,
> apenas em um bufão!
> Adiante com os cremes, as tintas
> e os pós!
> A platéia paga, e deseja rir. tu
> o sabes!
> Se Arlequim te rouba Colombina,
> Ri, Palhaço! O mundo gritará
> "Bravo"!
> Esconde com o riso tuas lágrimas
> e tua tristeza,
> Canta e sê alegre! Representa a
> tua parte!
> Ri, Palhaço, pelo amor que terminou,
> Ri, pela tristeza que devora teu
> coração!"

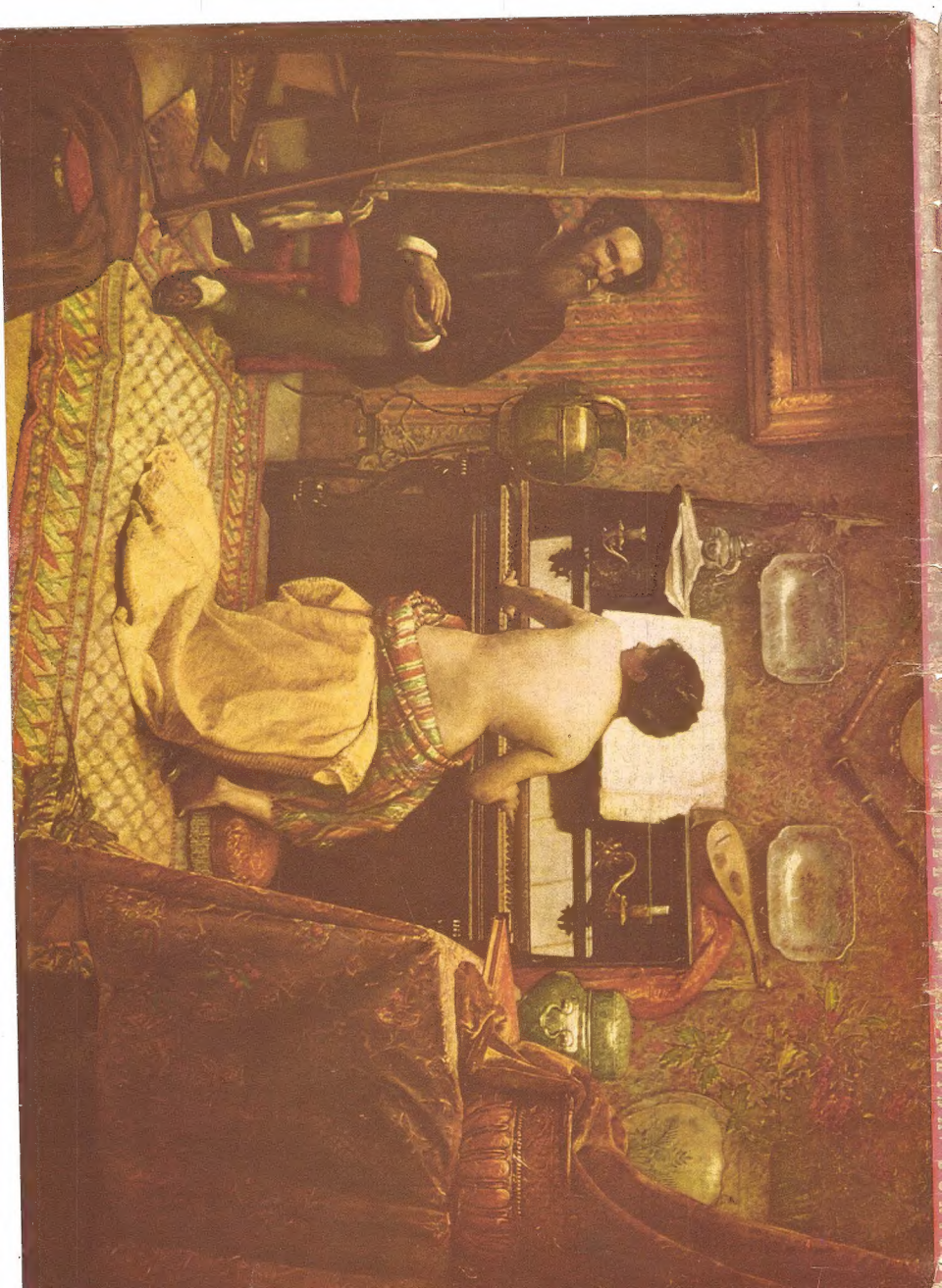
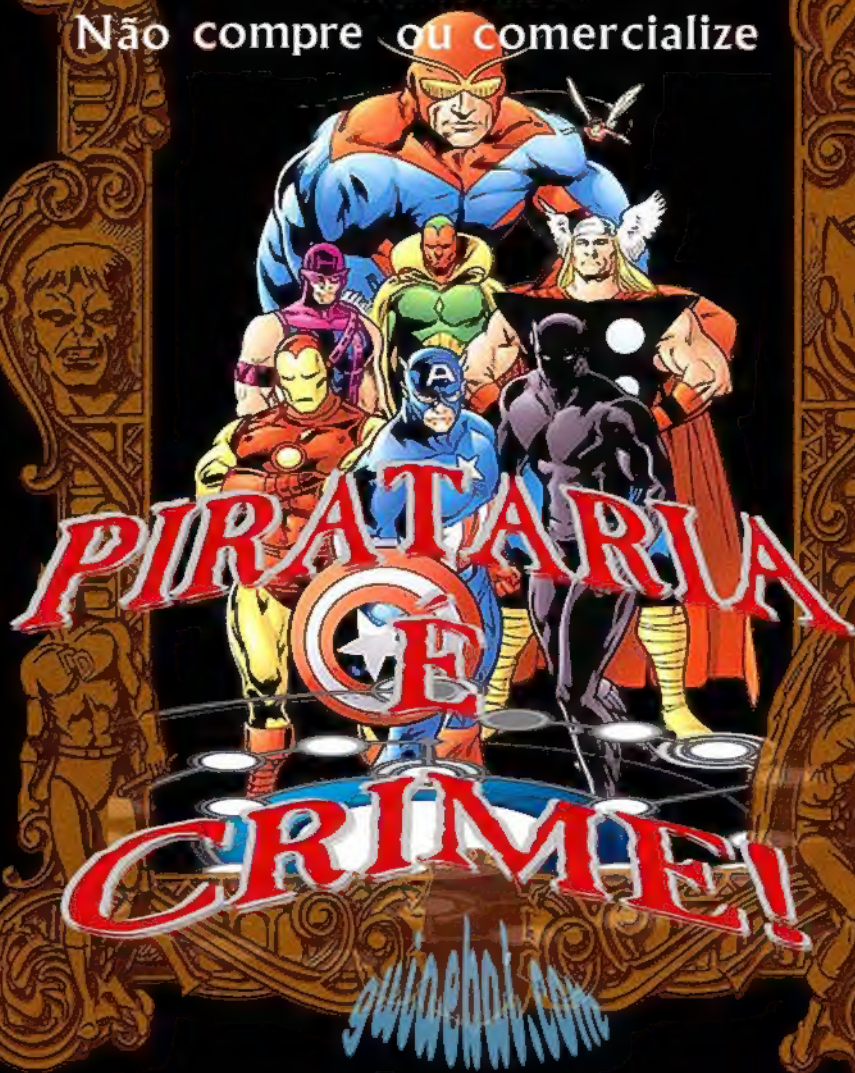
Na cena que se segue, Beppe (como Arlequim) e Nedda (como Colombina) interpretam dois apaixonados em idílio. Cânio não pode suportar aquilo. Êle não quer continuar no seu papel de palhaço-marido. Puxa do punhal e, à vista do público fere Nedda, gritando-lhe que diga o nome do homem a quem ama:

Nedda chama por Sílvio e êste — que se acha na platéia — vai em seu socorro. Cânio apunhala-o também.

Os dois apaixonados morrem, e os espectadores compreendem que a peça, que deveria ser alegre, na realidade terminou em tragédia. Cânio é prêso e, quando levado para fora, declama:

"A comédia está terminada!"

Desce o pano; assim, a Ópera pròpriamente dita e a representação terminam ao mesmo tempo.

O curioso desta história é que ela na verdade ocorreu na Calábria, quando Leoncavallo, o autor da Ópera era ainda menino.

www.guiaebal.com

Guia Completo de todas as HQ´s lançadas pela EBAL.
Centenas de Scans de Séries Completas!